



SEÇÃO RESENHAS CRÍTICAS



SANTOS, Andréa Mazzaro Almeida da Silva. *A construção da intersubjetividade no desenvolvimento da criança cega congênita: possibilidades, impasses e alternativas ao primado da visão*. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2020.

Disponível em: https://www.gov.br/ibc/pt-br/pesquisa-e-tecnologia/publicacoes-do-ibc-1/livros_pdf/anexos/a_constr_intersubjetividade_rev2021_ol.pdf, Acesso em: 1 mar. 2022.

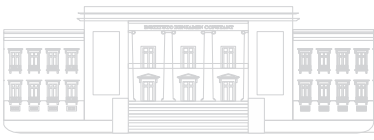
Roberto Santoro Almeida¹

A construção da intersubjetividade no desenvolvimento da criança cega congênita: possibilidades, impasses e alternativas ao primado da visão, de Andréa Mazzaro Almeida da Silva Santos, é uma obra de leitura fundamental para todos os profissionais que trabalham com crianças com cegueira congênita e suas famílias. O livro, resultado da pesquisa de Mestrado defendida no Instituto de Medicina Social da UERJ, sob a orientação de Rossano Cabral Lima, e de anos de experiência como psicóloga do Departamento de Educação do Instituto Benjamin Constant (IBC), aborda as especificidades do processo de desenvolvimento de crianças cegas congênicas, na edificação de suas subjetividades, processo que se realiza na relação com os cuidadores.

A autora situa a origem de seu trabalho na inquietação provocada por mais de 100 entrevistas, ao longo de 4 anos, com pais e mães de alunos do IBC. Nas entrevistas, ficavam claras as dificuldades dos pais em lidar com os filhos com deficiência visual, e o sentimento de desamparo em relação às dúvidas sobre os cuidados específicos a essas crianças. Lembrando

¹ Chefe do Serviço de Saúde Mental do Hospital Municipal Jesus; vice-presidente da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ); membro efetivo da International Psychoanalytical Association (IPA)

Mestre em Psiquiatria pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
E-mail: rsantoroalmeida@gmail.com



que a maior parte do público do IBC é formada por pessoas de baixa renda, Mazzaro pondera que se há evidências de que a pobreza está relacionada a problemas no desenvolvimento cognitivo, social, emocional e educacional, nos casos de crianças com deficiências pode-se supor que as dificuldades são ainda maiores.

A introdução situa a questão da deficiência visual no Brasil, definindo o problema e explorando os dados demográficos disponíveis. Segundo o IBGE, em 2000, havia 148 mil pessoas cegas e 2,4 milhões de indivíduos com grande dificuldade de enxergar. Em 2010, o número de pessoas que declarou não conseguir enxergar de modo algum foi de 506.377, sendo 20.935 desse total crianças de 0 a 4 anos. O crescimento significativo do número de cegos no Brasil pode ser atribuído à melhora da assistência neonatal, que, garantindo a sobrevivência de muitos bebês prematuros e de baixo peso antes inviáveis, aumentou a frequência geral de retinopatia da prematuridade, uma das principais causas de cegueira, entre outras (catarata congênita, glaucoma congênito e atrofia ótica).

A autora destaca a importância fundamental de formar desde o início uma rede de amparo aos pais de crianças cegas congênicas, considerando a necessidade de qualificar os profissionais de saúde para reconhecer as especificidades e dificuldades de desenvolvimento dessas crianças, elaborando práticas terapêuticas, estratégias de prevenção e modelos de atenção à saúde dessa clientela. O principal destaque, no entanto, é o apoio aos pais para que possam confiar na sua capacidade de superar os obstáculos de um processo com características próprias, conseguindo estabelecer com o filho a conexão afetiva necessária para o bom desenvolvimento.

O primeiro capítulo, *A importância do olhar nas relações intersubjetivas*, apresenta o desenvolvimento humano pela perspectiva da intersubjetividade, tomando por base os trabalhos de Colwyn Trevarthen, Philippe Rochat e Donald Winnicott, referencial a partir do qual serão discutidos os processos de interação entre os bebês cegos e seus cuidadores, na construção do seu desenvolvimento individual-subjetivo e relacional-intersubjetivo. Mazzaro sublinha a importância que os três autores dão ao olhar, levantando a questão do que ocorreria com a relação mãe-bebê na ausência desta via de conexão.

O biólogo escocês Colwyn Trevarthen, professor emérito de Psicologia e Psicobiologia da Universidade de Edimburgo, se notabilizou pela pesquisa na área do desenvolvimento infantil. A partir da análise de vídeos, Trevarthen observou o diálogo da díade mãe-bebê, estabelecido por meio de movimentos e expressões, propondo que o recém-nascido tem uma sociabilidade natural inata, a partir de um programa biológico que o leva a buscar o contato humano.



Desde o início, se estabelece uma relação significativa entre mãe e bebê, construindo-se a intersubjetividade que forma a base dos processos de desenvolvimento. Trevarthen define intersubjetividade como a habilidade psicológica de entender e partilhar emoções, interesses, e de saber comunicar esses estados a outras pessoas. Para o autor, existe uma vida pessoal subjetiva nos primórdios do desenvolvimento, evidenciada pelas respostas, por meio de expressões e comportamentos, às ações dos cuidadores, que por sua vez atribuem significado a essas respostas.

Andréa Mazzaro destaca que o olhar é o primeiro e principal disparador da reação de sorriso. O sorriso do bebê, por sua vez, é um liberador da reação parental. Como as crianças cegas demoram mais para sorrir, os pais podem sentir que não são correspondidos no seu investimento emocional, se desligando afetivamente. Trevarthen postula a existência de uma capacidade inata do bebê para captar a musicalidade da fala materna, fenômeno que o autor denomina pulso intrínseco da musicalidade, sensibilidade permite o engajamento intencional com a mãe e o estabelecimento de um diálogo intersubjetivo, baseado na sintonia corporal.

Para que haja a possibilidade de compartilhar estados mentais, os bebês precisam manifestar aos cuidadores consciência e intencionalidade (subjetividade), e sincronizar sua subjetividade com o cuidador (intersubjetividade). Mazzaro observa que embora a ausência de visão não comprometa as manifestações de consciência e intencionalidade de bebês cegos, os pais podem encontrar dificuldades de perceber tais manifestações, se mantiverem a atenção no olhar, o que pode prejudicar a sintonia necessária para a edificação da relação intersubjetiva.

Para Trevarthen, ao longo do segundo semestre de vida, são construídas as relações triádicas (intersubjetividade secundária), fundamentadas no desenvolvimento das habilidades de atenção conjunta, interesse compartilhado e tarefas cooperativas. Mais uma vez, a ausência de visão exigirá dos cuidadores a sensibilidade para auxiliar o bebê na relação com o mundo externo por meio dos outros sentidos (tato, audição, olfato etc.).

Diferentemente de Trevarthen, Philippe Rochat, professor de Psicologia da Universidade Emory, acredita que consciência, intencionalidade e intersubjetividade não são inatas, se edificando pelas experiências, com base em habilidades inatas. Rochat considera que sentimentos, afetos e emoções são a base da experiência subjetiva. O autor diferencia os conceitos: sentimentos são a percepção da experiência privada, afetos são o fundo difuso entre os sentimentos e as emoções, e as emoções são as expressões observáveis dos sentimentos e afetos, demonstradas por movimentos, posturas e expressões faciais.



Rochat considera que a vida afetivo-emocional é a base do psiquismo, impulsionada pela necessidade relacional e centrada na experiência corporal, que se realiza pelo encontro sensual da corporeidade com o ambiente, através de todos os sentidos. O bebê recém-nascido teria um conhecimento implícito de seu corpo, diferenciando-o do ambiente. O sorriso social, surgido no segundo mês de vida, além de indicar bem-estar, satisfação e conforto, manifesta uma experiência comum que é partilhada com o cuidador.

A mãe, por sua vez, apresenta o que o autor chama de ressonância emocional, reagindo aos estados afetivos corporais manifestados pelo bebê. Os momentos de partilha emocional permitem ao bebê perceber seu próprio mundo afetivo refletido no comportamento da mãe, facilitando a identificação e o descentramento necessário para a consciência mútua.

Num estudo realizado com bebês de 4 meses de idade, Rochat registrou o desvio do olhar dos bebês para o entorno, um primeiro movimento em relação à introdução do mundo externo na relação diádica inicial. Ao longo do tempo, surge a exploração do ambiente. Para que isso ocorra, é necessário que o bebê esteja vinculado ao cuidador de maneira exclusiva até aproximadamente os 8 meses de vida. É na relação afetiva diádica que está a base para a exploração do mundo e a construção do espaço social. Com base na relação afetiva diádica, que caracteriza a intersubjetividade primária, constrói-se a possibilidade de desenvolvimento do foco compartilhado em objetos do mundo externo (relação triádica), caracterizando a intersubjetividade secundária.

O terceiro autor utilizado como referencial é o psicanalista e pediatra Donald Winnicott. Estudando as relações mãe-bebê e o desenvolvimento infantil nos primeiros anos de vida, Winnicott revolucionou a teoria e a técnica psicanalíticas, encaminhando a Psicanálise em direção a perspectivas menos interpretativas e mais relacionais-afetivas. Mazzaro considera que embora o conceito de intersubjetividade não seja utilizado por Winnicott, ideias relacionais como ambiente facilitador, espaço transicional, *holding*, *handling* e outras tornam o autor um precursor da perspectiva intersubjetiva.

Para Winnicott, o bebê recém-nascido e sua mãe se encontram em estado fusional. A diferenciação do bebê em relação à mãe ocorre progressivamente, pelo desdobramento da interação afetiva entre ambos.

Winnicott considera a psique uma elaboração imaginativa de partes, sentimentos e funções somáticas, complementando a ideia freudiana de que o núcleo do ego é formado pelas vivências corporais precoces, proporcionadas pelos cuidados maternos. A tendência inata ao amadurecimento depende do ambiente facilitador para se realizar, ambiente oferecido pelos cuidadores.



Winnicott postula que nas primeiras semanas de vida do bebê as mães entram num estado de absorção completa e sintonia total, que o autor denomina preocupação materna primária. A preocupação materna primária é comparável a uma doença mental, embora, paradoxalmente, ocorra somente em mulheres saudáveis.

Com o progresso do bebê, a mãe suficientemente boa, por meio de suas falhas, que não podem ser excessivas, permite ao bebê desenvolver as atividades mentais. Aos poucos, o bebê constrói a possibilidade de diferenciar o mundo interno do mundo externo, integrando psique e soma e organizando o self.

Mazzaro destaca a importância dada por Winnicott ao espelhamento do olhar e da expressão facial da mãe para o desenvolvimento do self e traça algumas considerações sobre o processo específico que ocorre em bebês cegos, que têm de se valer de outros sentidos. A autora considera que o nascimento de um filho cego abala profundamente as mães, por vezes ocasionando quadros depressivos. O trauma cria dificuldades para o estabelecimento da preocupação materna primária, fundamental no início da vida do bebê. Além disso, num mundo que enfatiza a visão, os pais podem não estar preparados para as formas de expressão e comunicação peculiares de seus filhos, manifestadas de outras formas que não pelo olhar.

O capítulo 2, *O nascimento de um filho cego numa sociedade visual*, inicia com uma ampla discussão da dor dos pais diante do nascimento do filho com deficiência visual. Valendo-se de diversos autores, Mazzaro mostra que a perda do filho idealizado cria nos pais uma enorme ferida narcísica, que deve ser elaborada por meio de um penoso processo de luto. Como reações comuns, estão a revolta e a negação. As crenças religiosas podem surgir como um reforço do sentimento de culpa ou um apoio diante do sofrimento. A dor do luto pode comprometer a formação do vínculo com a criança recém-nascida, vínculo que permite a relação empática que promove o desenvolvimento do bebê.

A autora lembra que a cultura contemporânea é predominantemente visual. Para que os cegos tenham acesso a filmes, obras de arte, teatro etc. precisam da intermediação descritiva dos videntes. Televisão, *outdoors*, redes sociais dependem do sentido da visão. A maioria dos livros é impressa em tinta, havendo poucas edições em braille.

Há também uma dificuldade geral de conceber a perspectiva do cego de nascença nos seus próprios termos. Muitos videntes imaginam que o cego vive num mundo de trevas e sofrimento, utilizando inadequadamente a própria experiência como referencial.

Mazzaro mostra como o vocabulário corrente muitas vezes eleva o sentido da visão à forma preferencial de conhecimento do mundo, lembrando palavras e expressões como *ponto*



de vista, visionário, visão de mundo, evidente, revisão, ao que poderíamos acrescentar o verbo *esclarecer*, metáforas que equiparam a visão à percepção da realidade, e comparam a cegueira à ilusão e ao engano. Uma vez que a cultura pressupõe a hegemonia da visão sobre os outros sentidos, pais de cegos congênitos podem ter dificuldade de encontrar outros caminhos que prescindam da visão na interação com os filhos.

Mazzaro lembra que o desenvolvimento da criança cega de nascença ocorrerá de modo diferente daquele dos bebês videntes, por meio de outros sentidos que permitirão o conhecimento do mundo. É fundamental que os pais dessas crianças tenham apoio suficiente para que possam ter confiança na sua capacidade de encontrar outras formas de estabelecer a interação que garantirá o desenvolvimento de seus filhos.

O capítulo 3, *Impasses, possibilidades e alternativas na construção da intersubjetividade da criança cega congênita*, detalha as vicissitudes do processo de edificação da vida subjetiva e intersubjetiva em crianças cegas de nascimento, com base no referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores. Uma vez que o olhar é um importante meio para a troca intersubjetiva entre a mãe e seu bebê, revelando estados mentais, emoções, intenções e convites para a interação, além de marcar a transição da intersubjetividade primária para a secundária, por meio da experiência do olhar compartilhado, como tais processos ocorrem no caso de bebês com cegueira congênita?

A autora lembra que a relação entre o bebê e sua mãe ocorre de maneira multissensorial, por meio de uma conexão corporal que se vale de todos os sentidos. No entanto, para a mãe do bebê cego, é necessária uma maior atenção a outros sinais que não os fornecidos pelo olhar.

Discutindo trabalhos de Burlingham, Fraiberg e outros autores, Mazzaro apresenta as dificuldades que podem surgir no desenvolvimento de crianças cegas congênitas. Inicialmente, a ausência da troca pelo olhar e o atraso do surgimento do sorriso social, que são importantes motivadores para a mãe, pode gerar desconexão e desinteresse da cuidadora por seu bebê. Em etapas posteriores, em que se iniciaria o olhar compartilhado e a exploração do mundo externo, a apresentação dos objetos descrita por Winnicott exigirá do cuidador uma presença mais próxima e ações que estimulem outros sentidos que não a visão.

O som não é suficiente para a construção das representações. É preciso que, na ausência de visão, os objetos sejam apresentados por outros meios, como os táteis. Entre outras consequências das falhas destes processos em crianças cegas, Burlingham descreve os verbalismos, palavras vazias de significado, porque não estão associadas a experiências concretas.



Na ausência da visão, importante recurso para o estabelecimento das ações intencionais das mãos, é necessário que a mãe ajude o bebê cego na tarefa de coordenação manual. Fraiberg mostra que, ao contrário do que pensa o senso comum, não é a audição que substitui a falta de visão, mas o uso das mãos para conhecer o ambiente e revelar intenções e emoções. Cuidadores de crianças cegas precisam estar atentos a essas expressões manuais, por meio das quais o bebê cego congênito manifesta suas emoções e desejos, e interage com o mundo.

Mazzaro reforça a necessidade de apoiar os pais de crianças cegas congênicas na busca de outras formas de comunicação, por meio do uso de outros sentidos que não a visão, na construção do diálogo empático da mãe com seu bebê, diálogo necessário para o desenvolvimento do psiquismo. A apresentação de objetos e do mundo externo deve ser realizada pelo estímulo do tato, do olfato, da audição e do paladar.

Os bebês são dotados de uma sociabilidade inata. Pais seguros podem encontrar outras vias que não o olhar para sintonizar com os estados físicos e mentais de seus filhos cegos, atentando para comunicações por meio dos movimentos das mãos e do corpo, dos toques e das vocalizações.

O capítulo 4, *Condutas autistas em crianças cegas congênicas*, discute a presença, em crianças cegas de nascença, de comportamentos que se assemelham a sintomas do transtorno do espectro autista, como passividade, desinteresse por objetos e por brincar, verbalismos, ecolalia, autoestimulação, estereotipias motoras e os chamados *blindisms* (repetições de frases, gestos ou ações não adequadas ao contexto).

As condutas estereotipadas mais presentes em crianças cegas são balançar as mãos e os braços, caminhar na ponta dos pés, oscilar o corpo para frente e para trás e pressionar os olhos. Além disso, pode haver diminuição da locomoção e capacidade limitada de imitação. Tais comportamentos surgem em situações de tensão emocional, frustração, cansaço, restrição de movimentos, separações dos cuidadores e isolamento.

As estereotipias motoras, presentes também em quadros de déficit intelectual ou casos de negligência, se relacionam à privação sensorial. Na ausência de estímulos externos, a criança se volta para as sensações corporais, adotando comportamentos de autoestimulação ou de descarga motora das tensões.

Mazzaro destaca a confusão que pode ocorrer no diagnóstico precoce do autismo em crianças cegas congênicas, confusão devida aos critérios adotados pelo SUS para o reconhecimento destas condições, muito baseados no olhar. A autora enfatiza a importância de reco-



nhecer diferentes modos e formas de desenvolvimento, com suas necessidades específicas, tanto no caso de quadros de autismo quanto de crianças cegas, e sugere a necessidade de mudanças dos critérios diagnósticos de autismo para o caso de crianças cegas de nascença.

Depois de um resumo do caminho percorrido, o livro conclui sugerindo novos estudos sobre o tema e reafirmando a importância de se estabelecer uma sólida rede de amparo aos pais de crianças cegas congênitas. O desenvolvimento mental humano ocorre pelo encontro das tendências biológicas inatas com as experiências, principalmente as experiências afetivas. Objetivamente, as experiências moldam os circuitos cerebrais. Subjetivamente, edificam a vida psíquica.

O bebê humano nasce absolutamente dependente do meio, mas já é capaz, desde o início, de se conectar com a mãe. A mãe, por sua vez, se tudo corre bem, entra num estado mental especial de absorção e capacidade empática máxima, denominado por Winnicott de preocupação materna primária, que a torna capaz de se conectar com o filho recém-nascido para atender suas necessidades. Para a mãe, o mundo desaparece – só existe o bebê.

Há dois aspectos na empatia, o afetivo e o cognitivo-imaginativo. O bebê manifesta seus estados físicos e mentais pela expressão corporal. A mãe entra em sintonia corporal com o bebê por meio de todos os seus sentidos e sente o que o bebê está sentindo (aspecto afetivo). Ao mesmo tempo, é capaz de se diferenciar do filho e se imaginar no seu lugar (aspecto cognitivo-imaginativo). Pode, assim, atender as necessidades do bebê em estado de dependência absoluta.

Enquanto para a mãe há uma identificação empática, para o bebê ocorre uma identificação estruturante. O bebê internaliza o cuidado recebido pela mãe, edificando sua estrutura mental. Aos poucos, se torna mais independente, permitindo à mãe sair do estado de absorção completa. O bebê dirige sua atenção para o mundo externo, se diferenciando, processo que se realiza plenamente no segundo semestre de vida, por intermédio das vivências compartilhadas com a mãe.

Explorando a obra dos três autores escolhidos como referência, Mazzaro mostra a importância do olhar no estabelecimento da conexão entre o bebê e a mãe. O sorriso social do segundo mês é desencadeado pela visão do rosto da mãe. Além disso, pelo olhar o bebê entra em sintonia com as expressões emocionais da mãe manifestadas em seu rosto. Mais tarde, o olhar permite a exploração compartilhada do mundo externo e a construção da representação dos objetos na mente.



Mazzaro destaca as dificuldades que podem ocorrer no caso de mães de crianças cegas de nascimento. O luto pelo filho perdido e o sentimento de desamparo diante da situação podem dificultar a entrada no estado de preocupação materna primária. Pode haver uma desconexão afetiva da mãe com seu bebê, ocasionada pelo estado mental da mãe e pela ausência das reações esperadas do bebê, originando uma tendência ao cuidado apenas técnico. Numa cultura que privilegia o visual, os pais podem não se sentir seguros o suficiente para acompanhar o desenvolvimento diferente de seu filho cego, que exige uma adaptação específica às idiossincrasias de seus processos particulares.

No entanto, o bebê cego dispõe de recursos para encontrar outros caminhos de desenvolvimento que prescindem da visão. Uma vez que a conexão empática se estabeleça, a mãe do bebê cego saberá atender suas necessidades. É preciso lembrar que a comunicação mãe-bebê se dá por todos os sentidos, por meio de uma sintonia corporal que pode ocorrer mesmo na ausência de visão. Mães sintonizadas afetivamente saberão utilizar outros recursos para essa comunicação, como o tato, o contato corporal, o reconhecimento e o estímulo do uso das mãos como expressão de afetos e meio de conhecer o mundo, ou a música da fala.

Torna-se fundamental que os profissionais de saúde possam dar aos pais de crianças cegas o apoio emocional que os faça confiar na sua capacidade de se relacionar com seus filhos, pela conexão empática que permite captar as necessidades específicas de cada criança. A partir disso, por vias diferentes do que ocorre com as crianças videntes, pode ocorrer o desenvolvimento da subjetividade e da intersubjetividade do bebê com cegueira congênita.

O livro de Mazzaro realiza uma contribuição fundamental à compreensão do desenvolvimento de crianças cegas e videntes, abrindo as portas para um trabalho mais eficaz junto aos pais e uma reflexão sobre a necessidade de compreender que a chave do desenvolvimento é a conexão afetiva, para além de aspectos técnicos. Cada criança tem seu próprio processo de desenvolvimento, com idiossincrasias e especificidades. A mãe empática conseguirá acompanhar os movimentos relacionais de seu filho, promovendo a edificação de sua mente e a relação com o mundo social e com os objetos externos, mesmo no caso em que esse processo não siga os caminhos mais usuais.

Recebido em: 28.2.2022

Aprovado em: 18.3.2022